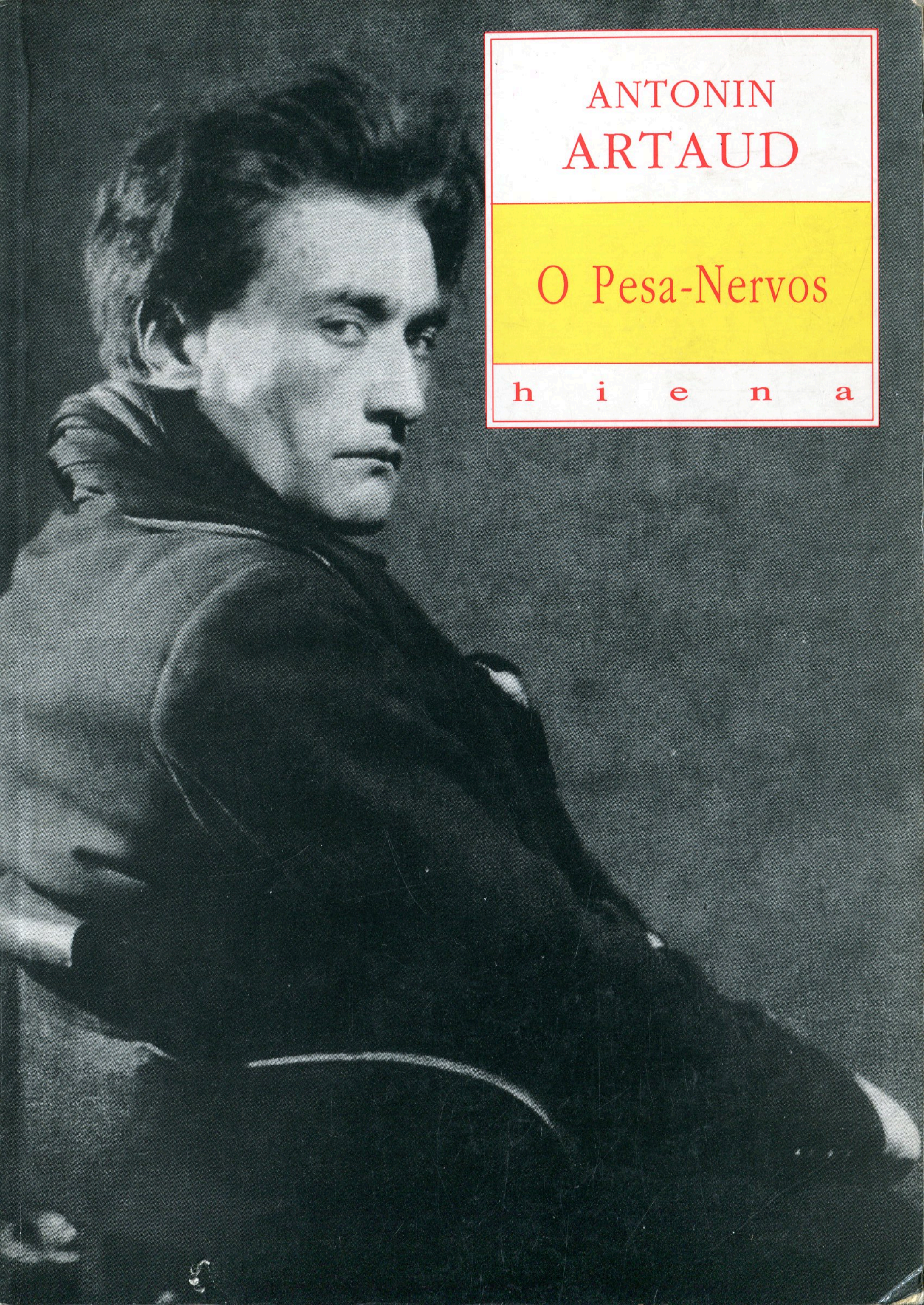
ANTONIN
# ARTAUD

# O Pesa-Nervos

h i e n a



# O PESA-NERVOS

**Hiena Editora**
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Títulos originais
L'OMBILIC DES LIMBES
LE PÉSE-NERFS
FRAGMENTS D'UN JOURNAL D'ENFER
Título em português
O PESA-NERVOS
Tradução de
JOAQUIM AFONSO
Capa de
RUI ANDRÉ DELÍDIA
s/ fotografia de MAN RAY



Lisboa, Setembro de 1991

ANTONIN ARTAUD

# O PESA-NERVOS

Tradução de

JOAQUIM AFONSO

Hiena Editora

# *PEDAÇOS DE GELO*

*Da escrita, quando ela é expressão de uma singularidade, nunca saberemos o porquê. Convém por isso evitar procurar-lhe as causas. E, sobretudo, evitar tranquilizarmo-nos, falando de loucura. De uma loucura que, como a morte, só acontece aos outros. Essa seria uma das maneiras de não ler Artaud. Mas há outras — todas as que o transformam em objecto de cálculo apreciador, ou de cultura. A leitura de Artaud só pode ser a que acontece, não a nós, mas a cada um que lê.*

*E todavia nenhuma leitura tem o saber do seu próprio acontecimento. O que ela expõe são apenas estilhaços, bocados de astros caídos, a cartografia de um desastre. Artaud diz nas primeiras páginas de «O Umbigo dos Limbos» que estas não constituem um prefácio. E ao dizer que não o são coloca-as ao nível das outras páginas escritas. Elas são tanto prefácio ao livro, diz, «quanto os poemas que o balizam ou a enunciação de todas as raivas do mal estar». Isso quer dizer que a escrita é e não é leitura de si mesma. Na medida em que o é, ela desenvolve-se no fascínio pelo saber do acontecimento, o fascínio por aquilo que Artaud designa como «comunicação do Espírito e da Vida». É o ideal de uma escrita que seja directamente vida, sem mediação. De palavras e configurações que sejam codificação e intensidade, pensamento e natureza, escrita e sopro, sem quebra ou abismo. É também um ideal de inter-*

*venção na transformação das relações humanas: «Gostaria de fazer um livro que perturbasse os homens, que fosse como uma porta aberta e os conduzisse onde nunca teriam consentido ir, uma porta simplesmente conectada com a realidade».*

*A resistência do acontecimento em relação a qualquer ideal que pretenda dar-lhe forma faz com que a escrita seja, por essência, conflito: a escrita, resistência à escrita. Nos textos reunidos neste livro, o conflito possui uma integridade tal, que se lhes adequa com justeza a imagem de «pedaços de gelo», «flores glaciares». Aí encontramos dilaceração e abismo, os blocos de uma escrita que se sente e se sabe sempre aquém, apenas presa às «eminentes situações da alma», ao que «não se nomeia nunca», aos «intervalos do espírito». Anuncia-se nesse sentir a memória futura dos seus contrários absolutos — o fogo, a continuidade; ou a alma sem costuras e a vida condensada na verticalidade de um instante infinito.*

*Artaud sabe que é circunscrito pela linguagem (pelo seu uso dela) e que os termos do seu pensamento são termos em sentido próprio, o sentido de limites. A sua escrita parte de um impulso voluntário de esquecimento dos termos. Como se antes deles houvesse a possibilidade de uma pensamento que se desloca materialmente e range ou grita de dor.*

*Dar a maior atenção a essa materialidade, a esse deslocamento, será, na leitura, dispor-se a abandonar as referências ao humano (animal racional ou bípede sem penas); dispor-se a esquecer as boas maneiras; a desmunir-se e deixar ficar apenas um «belo Pesa-Nervos: uma espécie de estação incompreensível e erguida no espírito, no meio de tudo». Será, sobretudo, abandonar a expectativa de uma obra ou de um sentido. Ler noutros termos: implicar-se, «queimar perguntas».*

Joaquim Afonso



# O UMBIGO DOS LIMBOS

Onde outros propõem obras eu não pretendo senão mostrar o meu espírito.

A vida é queimar perguntas.

Não concebo uma obra isolada da vida. Não amo a criação isolada. Também não concebo o espírito isolado de si mesmo. Cada uma das minhas obras, cada um dos planos de mim próprio, cada uma das florações glaciares da minha alma interior goteja sobre mim.

Reconheço-me tanto numa carta escrita para explicar o estreitamento íntimo do meu ser e a castração insensata da minha vida, como num ensaio exterior a mim próprio, que me surja como uma gestação indiferente do meu espírito.

Sofro por o Espírito não estar na vida e por a vida não ser o Espírito, sofro por causa do Espírito-órgão, do Espírito-tradução, ou do Espírito-intimidação-das-coisas para as fazer entrar no Espírito.

Este livro, suspendo-o na vida, quero que seja mordido pelas coisas exteriores, e em primeiro lugar por todos os sobressaltos cortantes, todas as cintilações *do meu eu por vir*.

Todas estas páginas se arrastam como pedaços de gelo no espírito. Perdoe-se-me a minha liberdade abso-

luta. Recuso-me a estabelecer diferenças entre qualquer um dos momentos de mim mesmo. Não reconheço no espírito nenhum plano.

É preciso acabar com o Espírito, tal como com a literatura. Afirmo que o Espírito e a vida comunicam a todos os níveis. Gostaria de fazer um Livro que perturbasse os homens, que fosse como uma porta aberta e os conduzisse onde nunca teriam consentido ir, uma porta simplesmente conectada com a realidade.

E isto é tão pouco um prefácio a um livro, quanto, por exemplo, os poemas que o balizam ou a enumeração de todas as raivas do mal-estar.

Isto não é senão um pedaço de gelo mal digerido.



Um grande fervor pensante e superpovoado levava o meu eu como um abismo pleno. Um vento carnal e retumbante soprava, e o próprio soprar era denso. E ínfimas radículas povoavam esse vento como uma rede de veias, e o seu cruzamento fulgurava. O espaço era mensurável e crepitante, mas sem forma penetrante. E o centro era um mosaico de estridências, uma espécie de duro martelo cósmico, de um peso desfigurado, que caía sem cessar como uma fronte no espaço, mas com um barulho como que destilado. E o envolvimento algodoado do barulho tinha a instância obtusa e a penetração de um olhar vivo. Sim, o espaço devolvia o seu pleno algodão mental onde ainda nenhum pensamento era nítido nem restituía a sua descarga de objectos. Mas pouco a pouco a massa voltou como uma náusea lamacenta e poderosa, uma espécie de imenso influxo de sangue vegetal e atroador. E as radículas que tremiam na orla do meu olho mental separaram-se com vertiginosa velocidade da massa crispada do vento. E todo o espaço tremeu como um sexo que o globo do céu ardente devastava. E algo do bico de uma pomba real perfurou a massa confusa dos estados, todo o pensamento profundo se estratificava nesse instante, se desagregava, se tornava transparente e reduzido.

E precisávamos então de uma mão que se tornasse o próprio órgão de agarrar. E por duas ou três vezes ainda a massa inteira e vegetal rodava, e de cada vez o meu olho se colocava numa posição mais precisa. A própria obscuridade se tornava profusa e sem objecto. O gelo inteiro alcançava a claridade.

Comigo deus-o-cão e sua língua
que como uma flecha atravessa a crosta
da dupla calote abobadada
da terra que o exaspera.

Aqui está o triângulo de água
que avança a passo de percevejo
mas que sob o percevejo em brasa
se transforma em facada

Sob os seios da terra odiosa
deus-a-cadela retirou-se,
dos seios de terra e de água gelada
que apodrecem a sua língua oca.

Aqui está a virgem-do-martelo,
para esmagar as caves de terra
cujo crânio de cão estelar
sente elevar-se o horrível nível.



Doutor,

Há um ponto em que gostaria de insistir: é o da importância da coisa sobre a qual actuam as suas injecções; esta espécie de relaxamento essencial do meu ser, esta descida da minha estiagem mental, que não significa, como poderia crer-se, uma qualquer diminuição da minha moralidade (da minha alma moral) nem sequer da minha inteligência, mas, se se quiser, da minha intelectualidade utilizável, das minhas possibilidades pensantes, e que tem mais a ver com o sentimento que tenho do meu próprio eu, que com o que dele mostro aos outros.

Esta cristalização surda e multiforme do pensamento, que escolhe num *momento dado* a sua forma. Há uma cristalização imediata e directa do eu no meio de todas as formas possíveis, de todos os modos do pensamento.

E agora, Doutor, que está bem ao corrente do que em mim pode ser afectado (e curado pelas drogas), do ponto litigioso da minha vida, espero que saiba dar-me a quantidade de líquidos subtis, de agentes especiosos, de morfina mental, capazes de elevar o meu abatimento, de equilibrar o que cai, de reunir o que está separado, de recompor o que está destruído.

O meu pensamento saúda-o.

PAULO OS PÁSSAROS
OU
O LUGAR DO AMOR

Paolo Uccello está a debater-se no meio de um vasto tecido mental onde perdeu todas as rotas da sua alma, até à forma e à suspensão da sua realidade.

Deixa a tua língua Paolo Uccello, deixa a tua língua, a minha língua, a minha língua, a minha língua, merda, quem é que fala? onde estás? Mais além, mais além, Espírito, Espírito, fogo, línguas de fogo, fogo, fogo, come a tua língua, velho cão, come a sua língua, come, etc.. Eu arranco a minha língua.

SIM.

Entretanto, Brunelleschi e Donatello despedaçam-se como danados. O ponto pesado e sopesado do litígio é todavia Paolo Uccello, que está num plano distinto do deles.

Há também Antonin Artaud. Mas um Antonin Artaud no parto, do outro lado de todos os vidros mentais, e que faz todos os seus esforços para se pensar noutro lugar que não aí (em casa de André Masson, por exemplo, que tem o corpo de Paolo Uccello, um corpo estratificado de insecto ou de idiota, apanhado como uma mosca na pintura, na *sua* pintura que é, por reflexo, estratificada).

E além do mais, é nele (Antonin Artaud) que Uccello se pensa, mas quando se pensa já não está verdadeiramente nele, etc., etc.. O fogo onde os seus espelhos maceram traduziu-se num belo tecido.

E Paolo Uccello continua a titilante operação desse arrancamento desesperado.



É um problema que se pôs ao espírito de Antonin Artaud, mas Antonin Artaud não precisa de problemas, já está suficientemente molestado pelo seu próprio pensamento, e entre outros factos por se ter reencontrado em si mesmo, e descoberto mau actor, por exemplo, ontem, no cinema, em *Surcouf*, sem contar com essa larva do Pequeno Paulo, que vem comer a sua língua nele.

O teatro está construído e pensado por ele. Colocou por todo o lado arcadas e planos nos quais as suas personagens se movem como cães.

Há um plano para Paolo Uccello, e um plano para Brunelleschi e Donatello, e um pequeno plano para Selvaggia, a mulher de Paolo.

Dois, três, dez problemas entrecruzaram-se de súbito com os ziguezagues das suas línguas espirituais e todos os deslocamentos planetários dos seus planos.

No instante em que a cortina sobe, Selvaggia está prestes a morrer.

Paolo Uccello entra e pergunta-lhe como vai. A pergunta tem o dom de exasperar Brunelleschi que lacera a atmosfera exclusivamente mental do drama com um punho material e vigoroso.

BRUNELLESCHI — Porco, louco.
PAOLO UCCELLO, espirrando três vezes — Imbecil.

Mas em primeiro lugar descrevamos as personagens. Demos-lhes uma forma física, uma voz, uma farpela.

Paulo os Pássaros tem uma voz imperceptível, um andar de insecto, roupas demasiado grandes para ele.

Brunelleschi, esse tem uma verdadeira voz de teatro, sonora e carnal. Parece-se com o Dante.

Donatello está entre os dois: São Francisco de Assis antes dos Estigmas.

A cena passa-se em três planos.

Inútil dizer-vos que Brunelleschi está apaixonado pela mulher de Paulo os Pássaros. Censura-o entre outras coisas por a deixar morrer de fome. Poderá morrer-se de fome no Espírito?

Porque estamos *unicamente* no Espírito.

O drama decorre em vários planos e tem vários aspectos. Consiste tanto na estúpida questão de saber se Paolo Uccello acabará por se apiedar o bastante para dar de comer a Selvaggia, como em saber qual das três ou quatro personagens acabará por se manter mais tempo no seu plano.

Porque Paolo Uccello representa o Espírito, de modo nenhum *puro* mas *desligado*.

Donatello é o Espírito sobrelevado. O seu olhar já não se dirige para a terra, mas ainda tem os pés assentes nela.

Quanto a Brunelleschi, está totalmente enraizado na terra, e é terrestre e sexualmente que deseja Selvaggia. Não pensa senão em fornicar.

Paolo Uccello não ignora contudo a sexualidade, mas quere-a vítrea e mercurial, e fria como éter.

Donatello, esse acabou por perder-lhe o gosto.

Paolo Uccello, debaixo da roupa não tem nada. Só uma ponte em vez do coração.

Aos pés de Selvaggia cresce uma erva que não deveria lá estar.

Subitamente, Brunelleschi sente o sexo crescer, ficar enorme. Não pode retê-lo e solta-se dele um grande pássaro branco, como um redemoinho de esperma que volteasse no ar.



Caro Senhor

Não lhe parece chegado o momento de tentar reunir o cinema e a realidade íntima do cérebro? Envio-lhe alguns extractos de um guião que muito gostaria que acolhesse. Verá que o seu plano mental, a sua concepção interior, lhe dá um lugar na linguagem escrita. E para que a transição não seja tão brutal, faço-o preceder de dois ensaios que se inclinam cada vez mais — quero dizer, à medida que se desenvolvem, — se repartem em imagens cada vez menos desinteressadas.

Este guião inspira-se, ainda que vagamente, num livro sem dúvida envenenado, usado, mas ao qual ainda assim estou grato por me ter possibilitado encontrar imagens. E como não conto nenhuma história, mas simplesmente desfio imagens, não poderão censurar-me por apenas propor fragmentos. Tenho também à sua disposição duas ou três páginas onde procuro atentar contra a surrealidade, fazê-la dar a sua alma, extrair-lhe o seu fel maravilhoso, de que poderíamos fazer preceder todo o resto, e que lhe enviarei em breve, caso o deseje.

Queira receber, etc..

## DESCRIÇÃO DE UM ESTADO FÍSICO

uma sensação de queimadura ácida nos membros,

músculos retorcidos e em carne viva, o sentimento de ser de vidro e quebrável, um medo, uma retracção perante o movimento e o barulho. Uma desordem inconsciente do andar, dos gestos, dos movimentos. Uma vontade perpetuamente tensa para os gestos mais simples,

a renúncia ao gesto simples,

uma fadiga arrasante e central, uma espécie de fadiga absorvente. Os movimentos por refazer, uma espécie de fadiga de morte, a fadiga do espírito pela aplicação da mais simples tensão muscular, o gesto de pegar, de se agarrar inconscientemente a qualquer coisa,

a sustentar por uma vontade aplicada.

Uma fadiga do princípio do mundo, a sensação do seu corpo como um fardo, um sentimento de fragilidade incrível, que se torna numa dor despedaçante,

um estado de entorpecimento doloroso, uma espécie de entorpecimento localizado na pele, que não impede nenhum movimento mas altera a sensação interna de um membro, e confere à simples posição vertical o valor de prémio de um esforço vitorioso.

Localizado provavelmente na pele, mas sentido como supressão radical de um membro, e não apresentando já ao cérebro senão imagens de membros filiformes e algodoados, imagens de membros longínquos e fora do seu lugar. Uma espécie de ruptura interna da correspondência de todos os nervos.

Uma vertigem em movimento, uma espécie de assombro oblíquo que acompanha todo o esforço, uma coagulação de calor que condensa toda a extensão do



crânio, ou se desfaz em pedaços, placas de calor que se deslocam.

Uma exacerbação dolorosa do crânio, uma cortante pressão dos nervos, a nuca obstinada em sofrer, as têmporas que se cristalizam ou se petrificam, uma cabeça espezinhada por cavalos.

Haveria que falar agora da descorporização da realidade, dessa espécie de ruptura, dir-se-ia que aplicada a multiplicar-se a si própria entre as coisas e o sentimento que elas produzem no nosso espírito, o lugar que devem ocupar.

Essa classificação instantânea das coisas nas células do espírito, não tanto segundo a sua ordem lógica, mas segundo a sua ordem sentimental, afectiva

(que já não se faz):

as coisas já não têm odor, não têm sexo. Mas também a sua ordem lógica se rompe por vezes por falta de alento afectivo. As palavras apodrecem ao apelo inconsciente do cérebro, qualquer palavra para qualquer operação mental, e sobretudo as que tocam nas molas mais habituais, as mais activas no espírito.

Um ventre delicado. Um ventre de pó ténue como numa imagem. Ao pé do ventre, uma granada rebentada.

A granada desprende uma circulação em flocos que se eleva como línguas de fogo, um fogo frio.

A circulação toma o ventre e volta-o. Mas o ventre não se volta.

São veias de sangue alcoólico, de sangue misturado com açafrão e enxofre, mas um enxofre suavizado por água.

Sobre o ventre são visíveis seios. E mais acima, e em profundidade, mas num outro plano do espírito, um sol queima, mas de tal forma que parece ser o seio que arde. E ao pé da granada, um pássaro.

O sol tem uma espécie de olhar. Mas um olhar que pudesse olhar o sol. O olhar é um cone que se volta para o sol. E todo o ar é como uma música gelada, mas uma vasta, profunda música, bem elaborada e secreta, e cheia de ramificações congeladas.

E tudo isso construído em colunas, e numa espécie de desenho de arquitecto que junte o ventre e a realidade.

A tela é vazia e estratificada. A pintura está encerrada na tela. É como um círculo fechado, uma espécie de abismo que roda e se desdobra pelo meio. Ela é como um espírito que se vê e esvazia, é amassada e trabalhada sem cessar pelas mãos crispadas do espírito. Ora, o espírito semeia o seu fósforo.

O espírito está seguro. Tem um pé bem apoiado no mundo. A granada, o ventre, os seios, são como provas atestatórias da realidade. Há um pássaro morto, há uma



proliferação de colunas. O ar está cheio de golpes de lápis, golpes de lápis como golpes de machado, como estrias de unha mágica. O ar está bastante revolto.

E eis que ele se dispõe em células onde cresce um grão de irrealidade. As células arrumam-se cada uma no seu lugar, em leque.

em volta do ventre, diante do sol, para além do pássaro, e em volta dessa circulação de água sulfurosa.

Mas a arquitectura é indiferente às células, sustenta e não fala.

Cada célula traz em si um ovo onde reluz, que germe? Em cada célula nasceu de súbito um ovo. Há em cada uma um formigueiro inumano mas límpido, as estratificações de um universo parado.

Cada célula traz em si o seu ovo e no-lo oferece; mas pouco importa ao ovo ser escolhido ou recusado.

Nem todas as células têm um ovo. Em algumas nasce uma espiral. E no ar está pendente uma espiral mais larga, mas sulfurosa, ou fosforescente e envolvida em irrealidade. E essa espiral tem toda a importância do pensamento mais potente.

O ventre evoca a cirurgia e a Morgue, o estaleiro, a praça pública e a mesa de operações. O corpo do ventre parece feito de granito, ou de mármore, ou de gesso, mas de um gesso endurecido. Há um compartimento para uma montanha. A espuma do céu faz na montanha uma nódoa translúcida e fresca. O ar em torno da montanha é sonoro, piedoso, lendário, proibido. O acesso à montanha é proibido. A montanha tem claramente o seu lugar na alma. Ela é o horizonte de algo que recua sem cessar. Dá a sensação de um horizonte eterno.

E eu descrevi esta pintura com lágrimas, porque esta pintura atinge-me o coração. Sinto que nela o meu pensamento se desdobra como num espaço ideal, absoluto,

mas um espaço que tivesse uma forma incorporável na realidade. Aí, caio do céu.

E cada uma das minhas fibras se fende e encontra o seu lugar em compartimentos exactos. Regresso a ela como à minha fonte, nela sinto o lugar e a disposição do meu espírito. Aquele que pintou este quadro é o maior pintor do mundo. A André Masson o que lhe pertence.



## POETA NEGRO

Poeta negro, um seio de virgem
te persegue,
poeta agre, a vida ferve
e a cidade arde,
e o céu desfaz-se em chuva,
a tua pena arranha no coração da vida,

Selva, selva, pululam olhos
nas multiplicadas cúspides;
cabelos de tempestade, os poetas
montam cavalos, cães.

Os olhos enraivecem, as línguas volteiam
o céu aflui às narinas
como um leite vigoroso e azul;
estou suspenso das vossas bocas
mulheres, duros corações de vinagre.

## CARTA AO SENHOR LEGISLADOR
### DA LEI SOBRE OS ESTUPEFACIENTES

Senhor legislador,

Senhor legislador da lei de 1916, aprovada pelo decreto de Julho de 1917 sobre os estupefacientes, és um cretino.

A tua lei só serve para tornar enfadonha a farmácia mundial sem proveito para o nível toxicómano da nação porque

1.º O número de toxicómanos que se abastecem nas farmácias é ínfimo;

2.º Os verdadeiros toxicómanos não se abastecem nas farmácias;

3.º Os toxicómanos que se abastecem nas farmácias são *todos* doentes;

4.º O número dos toxicómanos doentes é ínfimo comparado com o dos toxicómanos por volúpia;

5.º As restrições farmacêuticas da droga não incomodarão nunca os toxicómanos voluptuosos e organizados;

6.º Haverá sempre infractores;

7.º Haverá sempre toxicómanos por vício de forma, por paixão;

8.º Os toxicómanos doentes têm em relação à sociedade um direito imprescriptível, o de que os deixem em paz;

É antes de mais uma questão de consciência.

A lei sobre os estupefacientes põe nas mãos do inspector-usurpador da saúde pública o direito a dispor da dor dos homens; singular pretensão da medicina moderna, a de querer ditar as suas regras à consciência de cada um. Nem mesmo todos os balidos da carta oficial



têm qualquer eficácia contra este facto da consciência: a saber, que, mais ainda que da morte, eu sou senhor da minha dor. Todo o homem é juiz, e juiz exclusivo, da quantidade de dor física, e de vazio mental que pode francamente suportar.

Lucidez ou não, há uma lucidez que nenhuma doença me poderá tirar, é a que me dita o sentimento da minha vida física *. E se eu perdi a minha lucidez, a

---

* Sei muito bem que existem perturbações graves da personalidade, as quais podem até chegar, na consciência, à perda da sua individualidade: a consciência permanece intacta, mas já não se reconhece como senhora de si (e já nem se reconhece a nenhum nível).

Há perturbações menos graves ou, melhor dizendo, menos essenciais, mas muito mais dolorosas e mais importantes para a pessoa, e de algum modo mais *ruinosas* para a vitalidade: é quando a consciência se apropria, reconhece verdadeiramente como pertencendo-lhe toda uma série de fenómenos de deslocação e de dissolução das suas forças, no meio dos quais a sua materialidade se destrói.

E é mesmo a esses que aludo.

Mas trata-se justamente de saber se a vida não é mais atingida por uma descorporização do pensamento com conservação de uma parcela de consciência, do que pela projecção dessa consciência num algures indefinível com uma estrita conservação do pensamento. Não se trata, contudo, de esse pensamento trabalhar no vazio, de cair na desrazão, trata-se sim de produzir-se, de lançar chamas, ainda que loucas. Trata-se de existir. E eu, entre outros, considero que não tenho pensamento.

Mas isto faz rir os meus amigos.

Contudo,

porque eu não chamo *ter pensamento*, ver correctamente, direi mesmo, *pensar* correctamente, para mim, ter pensamento é *manter* o seu pensamento, estar em estado de o manifestar a

medicina só tem uma coisa a fazer, é dar-me as substâncias que me permitam recuperar o uso dessa lucidez.

Senhores ditadores da escola farmacêutica de França, sois uns pedantes ranhosos: há uma coisa que deveríeis avaliar melhor: é que o ópio é essa imprescritível e imperiosa substância que devolve à vida da sua alma aqueles que tiveram a desgraça de a perder.

Há um mal contra o qual o ópio é soberano, e esse mal chama-se Angústia, na sua forma mental, clínica, fisiológica, lógica ou farmacêutica, como queiram.

A Angústia que faz os loucos.

A Angústia que faz os suicidas.

A Angústia que faz os condenados.

---

si próprio, de tal forma que ele possa responder a todas as circunstâncias do sentimento e da vida. Mas principalmente *responder-se a si próprio.*

Porque se verifica aqui esse fenómeno indefinível e perturbante que eu desespero de fazer compreender a alguém, mais particularmente aos meus amigos (ou melhor ainda, aos meus inimigos, aqueles que me tomam pela sombra *que eu tão bem me sinto ser;* — e que não pensam dizer, eles, duas vezes sombras, por causa deles e por causa de mim).

Os meus amigos, nunca os vi como a mim próprio, a língua pendente, e o espírito horrivelmente em suspenso.

Sim, o meu pensamento conhece-se e desespera agora de se alcançar. Ele conhece-se, quero dizer, pressente-se; mas sem se sentir — falo da vida física, da vida substancial do pensamento (e aqui regresso ao meu assunto), falo desse mínimo de vida pensante e em estado bruto, — que não chegou até à palavra, mas que é capaz de a alcançar — e sem o qual a alma não pode viver e a vida é como se já não existisse. — Aqueles que se queixam das insuficiências do pensamento humano e da sua própria impotência em tirar partido daquilo a que chamam o seu pensamento, confundem e colocam no mesmo plano



A Angústia que a medicina não conhece.

A Angústia que o vosso doutor não compreende.

A Angústia que lesiona a vida.

A Angústia que rompe o cordão umbilical da vida.

Pela vossa iníqua lei, põem entre as mãos de pessoas em quem não tenho nenhuma espécie de confiança, lorpas da medicina, farmacêuticos de esterco, juízes fraudulentos, doutores, parteiras, inspectores-médicos, o direito a dispor da minha angústia, de uma angústia tão fina em mim como as agulhas de todas as bússolas do inferno.

Tremores do corpo ou da alma, não existe sismógrafo humano que permita, a quem me observe, chegar a uma avaliação mais exacta da minha dor do que aquela, fulminante, que é feita pelo meu espírito!

---

erróneo estados perfeitamente diferenciados do pensamento e da forma, dos quais o mais baixo não é senão palavra, enquanto o mais alto é ainda espírito.

Se eu tivesse o que sei ser o meu pensamento, teria talvez escrito *O Umbigo dos Limbos*, mas tê-lo-ia escrito de uma forma absolutamente outra. Dizem-me que eu penso porque não deixei inteiramente de pensar e porque, apesar de tudo, o meu espírito se mantém a um certo nível e dá de tempos a tempos provas da sua existência, das quais não se quer reconhecer que são fracas e falhas de interesse. Mas pensar é para mim bem diferente de limitar-me a não estar morto, é reunir-se a todos os instantes, é não deixar em nenhum momento de se sentir no seu ser interno, na massa informulada da sua vida, na substância da sua realidade, é não sentir em si buraco essencial, ausência vital, é sentir sempre o seu pensamento igual ao seu pensamento, sejam quais forem as insuficiências da forma que se é capaz de lhe dar. Mas o meu próprio pensamento, ao mesmo tempo que peca por fraqueza, peca também por excesso. Eu penso sempre a um nível inferior.

Nem mesmo toda a arriscada ciência dos homens é superior ao conhecimento imediato que eu posso ter do meu ser. Sou o único juiz do que está em mim.

Regressem aos vossos celeiros, percevejos médicos, e tu também, Senhor Legislador Acarneirado, não é por amor dos homens que deliras, é por tradição de imbecilidade. A tua ignorância do que seja um homem só é igualada pela tua estupidez ao pretender limitá-lo. Desejo-te que a tua lei recaia sobre o teu pai, a tua mãe, a tua mulher, os teus filhos, e todos os teus descendentes. E agora engole-a, a tua lei.



Os poetas levantam mãos
onde tremem vivos vitríolos
sobre as mesas de céu ídolo
se sustenta, e o fino sexo

encharca uma língua de gelo
em cada orifício, em cada lugar
que o céu abandona ao avançar.

O solo está incrustado de almas
e de mulheres de lindo sexo
cujos cadáveres diminutos
desenfaixam as suas múmias.

Há uma angústia ácida e turva, tão potente como um cutelo, cujo esquartejar tem o peso da terra. Uma angústia de relâmpagos, pontuada de abismos, cerrados e prensados como percevejos, como uma espécie de parasitas duros cujos movimentos estão congelados, uma angústia em que o espírito se estrangula e se corta a si próprio — se mata.

Ela não consome nada que não lhe pertença, nasce da sua própria asfixia.

Ela é uma *congelação* da medula, uma ausência de fogo mental, uma falta de circulação da vida.

Mas a angústia opiácea tem uma outra tonalidade, não tem esta vocação metafísica, esta maravilhosa imperfeição de acento. Imagino-a cheia de ecos, e de caves, de labirintos, de retornos; cheia de falantes línguas de fogo, de olhos mentais em acção, e do estampido de um raio, sombrio e repleto de razão.

Mas eu imagino então a alma bem centrada, e todavia divisível até ao infinito, e transportável como uma *coisa que é*. Imagino a alma sensível, que simultaneamente luta e abdica, e faz girar as suas línguas em todos os sentidos, multiplica o seu sexo — e se mata.

É preciso conhecer o verdadeiro nada desfiado, o nada que já não tem órgãos. O nada do ópio tem em si como que a forma de uma fronte que pensa, que encontrou o lugar do buraco negro.

Eu falo da ausência de buraco, de uma espécie de sofrimento frio e sem imagens, sem sentimento, e que é como um choque indescritível de abortos.



## O JACTO DE SANGUE

O JOVEM

Eu amo-te e tudo é belo.

A JOVEM, *com um tremor intenso na voz*

Tu amas-me e tudo é belo.

O JOVEM, *num tom mais baixo*

Eu amo-te e tudo é belo.

A JOVEM, *num tom ainda mais baixo que o dele*

Tu amas-me e tudo é belo.

O JOVEM, *deixando-a bruscamente*

Eu amo-te.

*pausa*

Põe-te à minha frente.

A JOVEM, *seguindo o jogo, põe-se diante dele*

Já está.

O JOVEM, *num tom exaltado, sobreagudo*

Eu amo-te, sou grande, sou claro, sou pleno, sou denso.

A JOVEM, *no mesmo tom sobreagudo*

Nós amamo-nos.

O JOVEM

Nós somos intensos. Ah, como o mundo está bem feito!

*Pausa. Ouve-se o ruído de uma imensa roda que gira fazendo vento. Um furacão separa-os.*

*Nesse momento, vêem-se dois astros que se entrechocam e uma série de pernas de carne viva que caem, pés, mãos, cabeleiras, máscaras, colunas, pórticos, templos, alambiques, que caem, mas cada vez mais lentamente, como se caíssem no vazio. Depois, três escorpiões, um atrás do outro, e finalmente uma rã, e um escaravelho que cai com uma lentidão desesperante, uma lentidão de dar vómitos.*

O JOVEM, *gritando com todas as suas forças*

O céu enlouqueceu.

*olha para o céu*

Saiamos a correr.

*Empurra a jovem diante dele.*

*Entra um Cavaleiro da Idade Média com uma armadura enorme, seguido por uma ama que segura os peitos com as mãos e arqueja por eles serem demasiado pesados.*

O CAVALEIRO

Deixa lá as tuas mamas. Dá-me os meus papéis.

A AMA, *soltando um grito sobreagudo*

Ai! Ai! Ai!

O CAVALEIRO

Merda, que é que te aconteceu?

A AMA

A nossa filha, ali, com ele.

O CAVALEIRO

Não há nenhuma filha, cala-te.



A AMA

É o que te digo, eles estão a foder

O CAVALEIRO

Mas o que é que isso me interessa, que estejam a foder!

A AMA

Incesto.

O CAVALEIRO

Matrona.

A AMA, *metendo as mãos no fundo dos bolsos, que são tão grandes como os peitos dela.*

Proxeneta.

*Ela atira-lhe rapidamente os seus papéis*

O CAVALEIRO

Deixa-me comer.

*A Ama foge. O Cavaleiro levanta-se e de dentro de cada papel tira uma enorme fatia de queijo gruyère. De repente, tosse e engasga-se.*

O CAVALEIRO, *com a boca cheia*

Ehp, Ehp. Mostra-me as tuas mamas. Mostra-me as tuas mamas.

Para onde é que ela foi?

*Sai a correr.*
*O Jovem reaparece*

O JOVEM

Eu vi, eu soube, eu compreendi. Aqui, a praça pública, o padre, o sapateiro, os vendedores ambulantes,

o umbral da igreja, a lanterna do bordel, as balanças da justiça. Não aguento mais!

*Um padre, um sapateiro, um sacristão, uma prostituta, uma vendedora ambulante, entram em cena como sombras*

O JOVEM

Eu perdi-a. Devolvam-ma.

TODOS, *num tom indiferente*

Quem, quem, quem, quem.

O JOVEM

A minha mulher.

O SACRISTÃO, *muito barrigudo*

A sua mulher, psuif, farsante!

O JOVEM

Farsante! se calhar é a tua!

O SACRISTÃO, *batendo na testa*

Se calhar é verdade.

*Sai a correr.*

*O padre, por sua vez, separa-se do grupo e passa o braço pelo pescoço do jovem.*

O PADRE, *como no confessionário*

A que parte do seu corpo aludia você com mais frequência?

O JOVEM

A Deus.

*O Padre, desconcertado pela resposta, fica imediatamente com o sotaque suíço.*



O PADRE, *com o sotaque suíço*

Mas isso já não se faz. Dessa forma, nós não o entendemos. É preciso perguntar aos vulcões, aos terramotos. Quanto a nós, vivemos só das pequenas ordinarices dos homens na confissão. Aí está, é tudo, é a vida!

O JOVEM, *muito impressionado*

Ah, pois então, é a vida!
E que se tramem todos.

O PADRE, *continuando com o sotaque suíço*

Claro que sim!

*Neste instante, a noite cai subitamente sobre a cena. A terra treme. A trovoada irrompe, com relâmpagos que ziguezagueiam em todos os sentidos, e através dos ziguezagues dos relâmpagos vêem-se todas as personagens, que começam a correr, tropeçam umas nas outras, caem por terra, levantam-se de novo, e de novo voltam a correr como loucas.*

*Em determinado momento, uma mão enorme agarra a cabeleira da prostituta, que se incendeia e aumenta a olhos vistos.*

UMA VOZ GIGANTESCA

Cadela, olha para o teu corpo!

*O corpo da prostituta aparece totalmente desnudado, horrível, sob o corpete e a saia que ficam como se fossem de vidro*

A PROSTITUTA

Deixa-me, Deus.

*Ela morde no punho de Deus. Um imenso jacto de sangue lacera a cena, e vê-se, no meio de um relâmpago maior que os outros, o padre a fazer o sinal da cruz.*

*Quando a luz se refaz, todas as personagens estão mortas e os seus cadáveres jazem por terra, por todo o lado. Exceptuam-se o jovem e a prostituta, que se devoram com os olhos.*

*A prostituta cai nos braços do jovem.*

A PROSTITUTA, *suspirando, como no extremo de um espasmo amoroso*

Conte-me como isso lhe aconteceu.

*O jovem esconde a cabeça entre as mãos.*

*A ama regressa trazendo a rapariga debaixo do braço como um embrulho. A rapariga está morta. Ela deixa-a cair por terra, onde fica estatelada e abatida como um pedaço de massa.*

*A ama perdeu os seios. O seu peito está completamente raso. Nesse instante reaparece o Cavaleiro, que se lança sobre a ama, e a sacode com veemência.*

O CAVALEIRO, *com uma voz terrível*

Onde é que os deixaste. Dá-me o meu gruyère.

A AMA, *galhardamente*

Aqui está

*Ela levanta as saias.*

*O jovem quer fugir mas fica imóvel, como uma marioneta petrificada.*

O JOVEM, *como se estivesse suspenso no ar e com uma voz de ventríloquo*

Não faças mal à mãe

O CAVALEIRO

Maldita.

*Cobre o rosto, horrorizado.*



*Então, uma multidão de escorpiões sai debaixo do vestido da ama, pululando pelo seu sexo que incha e rebenta, tornando-se vítreo e reverberando como um sol.*

*O jovem e a prostituta fogem como trepanados.*

A JOVEM, *erguendo-se deslumbrada*

A virgem! Ah, era isso que ele procurava.

*Cai o pano*

# O PESA-NERVOS

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Senti verdadeiramente que você rompia a atmosfera à minha volta, que fazia o vazio para me permitir avançar, para dar o lugar de um espaço impossível àquilo que em mim não era senão algo em potência, a toda uma germinação virtual, que deveria nascer, aspirada pelo lugar que se oferecia.

Submeti-me muitas vezes a esse estado de absurdo impossível, para tentar fazer nascer pensamento em mim. Somos alguns, nesta época, a querer atentar às coisas, a criar em nós espaços de vida, espaços que não existiam e que não pareciam poder encontrar lugar no espaço.

Sempre me perturbou essa obstinação do espírito, de querer pensar em dimensões e em espaços, de se fixar em estados arbitrários das coisas para pensar, de pensar em segmentos, em cristalóides, e que cada modo do ser fique coagulado num começo, que o pensamento não seja uma comunicação instantânea e ininterrupta com as coisas, mas que essa fixação e esse gelo, essa espécie de transformação da alma em monumentos, se produza, digamos assim, ANTES DO PENSAMENTO. É evidentemente a melhor condição para criar.

Mas fico ainda mais perturbado com a incansável, meteórica ilusão que nos insufla essas arquitecturas determinadas, circunscritas, pensadas, esses segmentos de alma cristalizados, como se eles fossem uma grande página plástica e em osmose com todo o resto da realidade. E a surrealidade é como um retraimento da osmose, uma espécie de comunicação restituída. Longe de ver nela uma diminuição do controlo, vejo, pelo contrário, um controlo maior, mas um controlo que, em vez de agir, desconfia, um controlo que impede os encontros da realidade vulgar e permite encontros mais subtis e raros, encontros reduzidos até ficarem num fio, que arde mas não parte nunca.

Imagino uma alma trabalhada, sulfurosa e fosforescente, por esses encontros, como o único estado aceitável da realidade.

Porém, não sei que lucidez inomeável, desconhecida, me dá o tom e o grito e me faz a mim próprio senti-los. Sinto-os numa certa totalidade insolúvel, isto é, aquela cujo sentimento não suscita a menor dúvida. E é devido a esses agitados encontros que fico num estado de sensibilidade extrema, imagine-se um nada imobilizado, uma massa de espírito escondida algures, tornada virtualidade.



Um actor, vêmo-lo como através de cristais.
A inspiração por escalões.
Não deixar passar demasiado a literatura.

Não aspirei senão à relojoaria da alma, não transcrevi senão a dor de um abortado ajuste.

Eu sou um abismo completo. Aqueles que me criam capaz de uma dor inteira, de uma bela dor, de angústias plenas e substanciais, de angústias que são uma amálgama de objectos, uma trituração efervescente de forças e não um ponto suspenso.

— porém, com impulsos em movimento, desenraizadores, que vêm do confronto das minhas forças com esses abismos de absoluto oferecido,

(do confronto de forças ao mais potente volume)

e não há mais que os abismos volumosos, a paragem, o frio, —

os que me atribuiram mais vida, que me pensaram num menor grau da queda do eu, que me imaginaram submergido num torturado ruído, numa obscuridade violenta com a qual eu lutava,

— estão perdidos nas trevas do homem



No sono, nervos tensos ao longo das pernas.

O sono vinha de uma deslocação de crença, o amplexo relaxava-se, o absurdo caminhava sobre os meus pés.

É preciso que se compreenda que toda a inteligência não é mais que uma vasta eventualidade, e que se pode perdê-la, não como o alienado que está morto, mas como um vivo que está na vida, e que sente em si a atracção e o sopro dela (da inteligência, não da vida).

As titilações da inteligência e esse brusco derrubar das partes.

As palavras a meio caminho da inteligência.

Essa possibilidade de pensar em recuo, e de invectivar de súbito o seu pensamento.

Esse diálogo no pensamento.

A absorção, a ruptura de tudo.

E de repente, esse fio de água sobre um vulcão, a queda ténue e retardada do espírito.



Reencontrar-se num estado de extrema comoção, esclarecida de irrealidade, com pedaços do mundo real num recanto de si próprio.

Pensar sem ruptura mínima, sem astúcia no pensamento, sem nenhuma dessas súbitas imposturas a que a minha medula está habituada como posto-emissor de correntes.

A minha medula diverte-se por vezes com esses jogos, deleita-se com esses jogos, com esses raptos furtivos a que preside a cabeça do meu pensamento.

Por vezes, bastar-me-ia uma só palavra, uma pequena palavra sem importância, para ser grande, para falar no tom dos profetas, uma palavra testemunho, uma palavra exacta, uma palavra subtil, uma palavra bem macerada na minha medula, surgida de mim, que se mantivesse no extremo último do meu ser,

e que, para toda a gente, não fosse nada.

Sou testemunho, sou o único testemunho de mim próprio. Esta crosta de palavras, estas imperceptíveis transformações do meu pensamento em voz baixa, da pequena parcela do meu pensamento que eu pretendo que estava já formulada, e que aborta,

sou o único juiz capaz de lhe medir o alcance.



Uma espécie de perda constante do nível normal da realidade.

Sob esta crosta de osso e pele, que é a minha cabeça, há uma constância de angústias, não como questão moral, como os raciocínios de uma natureza imbecilmente mesquinha, ou habitada por um gérmen de inquietações no sentido da sua elevação, mas como uma (decantação)

no interior,
como a despossessão da minha substância vital,
como a perda física e essencial
(quero dizer, perda do ponto de vista da essência)
de um sentido.



Uma impotência de cristalizar inconscientemente, o ponto de ruptura do automatismo em qualquer grau que seja.

O difícil é encontrar o seu lugar exacto e reencontrar a comunicação consigo mesmo. O todo está numa certa coalescência das coisas, na reunião de toda essa pedraria mental em torno de um ponto que está precisamente por encontrar.

Eis o que eu penso do pensamento:

CERTAMENTE A INSPIRAÇÃO EXISTE.

E há um ponto fosforescente onde toda a realidade se reencontra, mas transformada, metamorfoseada — e por quê? — um ponto de mágica utilização das coisas. E eu acredito nos aerólitos mentais, nas cosmogonias individuais.



Sabeis o que é a sensibilidade em suspenso, essa espécie de vitalidade terrífica e cindida em duas, esse ponto de coesão necessário ao qual o ser não se eleva já, esse lugar ameaçador, esse lugar aterrador.

Caros amigos,

O que tomaram pelas minhas obras não eram senão dejectos de mim próprio, aquelas aparas da alma que o homem normal não recolhe.

Que o meu mal tenha, desde então, recuado ou avançado, para mim não é esse o problema, ele reside na dor e na sideração persistente do meu espírito.

Eis-me de regresso a M..., onde reencontrei a sensação de entorpecimento e de vertigem, essa necessidade brusca e louca de sono, essa perda súbita das minhas forças com um enorme sentimento de dor, de embrutecimento instantâneo.



Eis alguém em cujo espírito nenhum lugar endurece, e que não sente repentinamente a sua alma à esquerda, do lado do coração. Eis alguém para quem a vida é um ponto, e para quem a alma não tem cortes, nem o espírito começos.

Sou imbecil, por supressão de pensamento, por má formação de pensamento, sou vazio por estupefacção da minha língua.

Má formação, má aglomeração de um certo número desses corpúsculos vítreos, dos quais fazes um uso tão irreflectido. Um uso que não conheces, ao qual não assististe nunca.

Todos os termos que adopto para pensar são para mim TERMOS no sentido próprio da palavra, verdadeiras terminações, limites dos meus

mentais, de todos os estados a que submeti o meu pensamento. Sou verdadeiramente CIRCUNSCRITO pelos meus termos, e se digo que sou CIRCUNSCRITO pelos meus termos, é que não os reconheço como válidos no meu pensamento. Sou verdadeiramente paralizado pelos meus termos, por uma série de terminações. E EM QUALQUER LUGAR que esteja nesses momentos o meu pensamento, eu não posso senão fazê-lo passar por esses termos, por muito contraditórios com ele próprio, por muito paralelos, por muito equívocos que possam ser, sob pena de nesses momentos parar de pensar.



Se se pudesse somente provar o seu nada, se se pudesse repousar no seu nada, e que esse nada não fosse uma certa forma de ser, mas também não fosse pura e simplesmente a morte.

É tão duro deixar de existir, deixar de estar dentro de alguma coisa. A verdadeira dor é sentir em si o seu pensamento a deslocar-se. Mas o pensamento como um ponto não é certamente um sofrimento.

Chegueí a um ponto em que não me agarro já à vida, mas levo comigo todos os apetites e a titilação insistente do ser. Já só tenho uma actividade, refazer-me.

Falta-me a concordância das palavras com o momento dos meus estados.

«Mas isso é normal, mas a toda a gente faltam as palavras, mas você é muito difícil para consigo próprio, mas ao escutá-lo não o parece, mas exprime-se perfeitamente em francês, mas você dá demasiada importância às palavras».

Sois uns imbecis, desde o inteligente até ao medíocre, desde o perspicaz até ao grosseiro, sois uns imbecis, quero dizer, sois uns cães, quero dizer, ladrais para fora, obstinais-vos a não compreender. Eu conheço-me, e isso me basta, e isso deve bastar, conheço-me porque me assisto, assisto a Antonin Artaud.

— Tu conheces-te, mas nós vemos-te, vemos bem o que fazes.

— Sim, mas não vêm o meu pensamento.

Em cada um dos estádios da minha mecânica pensante, há buracos, paragens. Não quero dizer, entendam-me bem, no tempo, refiro-me a uma certa forma de espaço (eu compreendo-me); não falo de um pensamento longitudinal, um pensamento em duração de pensamentos, falo de UM pensamento, um só, e um pensamento INTERIOR; mas não me refiro a um pensamento de Pascal, um pensamento de filósofo, refiro-me à fixação contornada, a esclerose de um cero estado. Apanhem lá essa!

Considero-me pormenorizadamente. Ponho o dedo no ponto exacto da falha, do inconfessado deslize. Porque o espírito é mais rastejante que vós próprios, meus senhores, ele esconde-se como as serpentes,



esconde-se até ao ponto de atentar contra as nossas línguas, quero dizer, até as deixar em suspenso.

Sou aquele que melhor sentiu a desordem assombrosa da sua língua nas suas relações com o pensamento. Sou aquele que melhor detectou o momento dos seus mais íntimos, dos seus mais insuspeitáveis deslizes. Perco-me no meu pensamento como num sonho, como num súbito regresso ao pensamento. Sou aquele que conhece os recantos da perda.

Toda a escrita é porcaria.

Aqueles que saem do indefinido para tentar precisar o que quer que seja do que se passa no seu pensamento, são porcos.

Toda a gente de letras é porca, especialmente a do tempo presente.

Todos aqueles que têm pontos de referência no espírito, quero dizer, num certo lado da cabeça, em pontos bem localizados do seu cérebro, todos aqueles que são senhores da sua língua, todos aqueles para quem as palavras têm um sentido, todos aqueles para quem existem altitudes na alma, e correntes no pensamento, aqueles que são o espírito da época, e que nomearam essas correntes de pensamento, penso nas suas tarefas exactas e nesse ranger de autómato que espalha por todo o lado o seu espírito,

— são porcos.

Aqueles para quem certas palavras têm um sentido, e certos modos de ser, aqueles que sabem tão bem ter certas maneiras, aqueles para quem os sentimentos têm classes e que discutem acerca de um qualquer grau das suas hilariantes classificações, aqueles que acreditam ainda em «termos», aqueles que revolvem ideologias que têm prestígio na época, aqueles de quem as mulheres falam tão bem e essas mesmas mulheres que falam tão bem e que falam das correntes da época, aqueles que acreditam ainda numa orientação do espírito, aqueles que seguem vias, que agitam nomes, que fazem gritar as páginas dos livros,

— esses são os piores porcos.



Isso é muito infundado, meu jovem!

Não, eu penso em críticos com barbas.

E já lhe disse: nada de obras, nada de língua, nada de palavra, nada de espírito, nada.

Nada, a não ser um belo Pesa-Nervos.

Uma espécie de estação incompreensível e erguida no espírito, no meio de tudo.

E não espere que eu lhe nomeie esse tudo, em quantas partes se divide, que lhe diga o seu peso, que avance, que me ponha a discutir sobre esse tudo, e que, discutindo, me perca e assim me ponha, sem o saber, a PENSAR, — e que ele se ilumine, viva, se adorne de uma multidão de palavras, todas bem impregnadas de sentido, todas diversas, e capazes de trazer à luz do dia todas as atitudes, todos os matizes de um pensamento penetrante e hipersensível.

Ah esses estados que não se nomeia nunca, essas eminentes situações da alma, ah esses intervalos do espírito, ah esses mínimos fracassos que são o pão quotidiano das minhas horas, ah essa multidão formigante de dados, — são sempre as mesmas palavras que me servem e de facto não tenho ar de me mover muito no meu pensamento, mas na realidade movo-me mais que vós, barbas de asno, porcos pertinentes, mestres do falso verbo, fazedores de retratos, folhetinistas, rasteiros, ervanários, entomólogos, praga da minha língua.

Disse-vos que já não possuo a minha língua, o que não é razão para que persistam, para que se obstinem na língua.

Veremos que dentro de dez anos eu serei compreendido por pessoas que farão o que vocês fazem hoje. Então conhecerão os meus *geysers*, os meus gelos, aprenderão a desnaturalizar os meus venenos, decifrarão os meus jogos de almas.

Então todos os meus cabelos serão colocados na cal, todas as minhas veias mentais, então o meu bestiário será percebido, e a minha mística tornar-se-á num chapéu. Então ver-se-á fumegar as junturas das pedras, e arborescentes ramos de olhos mentais cristalizar-se-ão em glossários, então ver-se-á cordas, então compreender-se-á a geometria sem espaços, e aprender-se-á o que é a configuração do espírito, e compreender-se-á como é que eu perdi o espírito.

Então compreender-se-á porque é que o meu espírito não está aqui, então ver-se-á exaurirem-se todas as línguas, definhar todos os espíritos, endurecer todas as línguas, as figuras humanas abater-se-ão, esvaziar-se-ão, como se aspiradas por ventosas dessecantes, e essa membrana lubrificante continuará a flutuar no ar, essa membrana lubrificante e cáustica, essa membrana de duas espessuras, de múltiplos graus, de inúmeras fendas, essa melancólica e vítrea membrana, mas tão sensível, tão oportuna também, tão capaz de se multiplicar, de se desdobrar, de se retorcer com a sua reverberação de fendas, de sentidos, de assombros, de irrigações penetrantes e virulentas,

então, tudo isto parecerá bem,

e eu não terei necessidade de falar.



## CARTA MATRIMONIAL

Cada uma das tuas cartas esclarece ainda mais a incompreensão e as limitações de espírito das precedentes. Como todas as mulheres, julgas com o teu sexo, não com o teu pensamento. Eu, perturbar-me com as tuas razões, queres rir? Mas o que me exasperava era, quando um dos meus raciocínios te tinha conduzido à evidência, ver-te apegar a razões que faziam tábua rasa dos meus raciocínios.

Nem todos os teus raciocínios e as tuas infinitas discussões impedirão quer a tua ignorância sobre a minha vida, quer que me julgues com base numa (pequena) parte dela. Não deveria sequer ter necessidade de me justificar perante ti, se fosses apenas uma mulher razoável e equilibrada, mas tu estás enlouquecida pela tua imaginação, por uma sensibilidade exacerbada que te impede de encarar a verdade. Contigo é impossível qualquer discussão. Já só tenho uma coisa a dizer-te: sempre tive esta desordem do espírito, este destroço do corpo e da alma, esta espécie de contracção de todos os meus nervos, em períodos mais ou menos próximos; e se me tivesses visto há alguns anos, antes que pudesse ser suspeito de usar o que me reprovas, já não te espantarias agora com o reaparecer desses fenómenos. Se estás convencida, se sentes que o seu regresso se deve a isso, não há evidentemente nada a dizer-te, não se luta contra uma convicção.

De qualquer forma, já não posso contar contigo na minha aflição, visto que te negas a preocupar-te com o que em mim foi mais atingido: a alma. Além do mais, sempre me julgaste apenas pela aparência exterior, como

fazem todas as mulheres, como fazem todos os idiotas, quando é a minha alma interior que está mais destruída, mais arruinada; e isso eu não posso perdoar-te, porque as duas, infelizmente para mim, não coincidem sempre. E sobretudo proibo-te de voltar a este assunto.



## SEGUNDA CARTA MATRIMONIAL

Preciso ao meu lado de uma mulher sensata e equilibrada, cuja alma inquieta e confusa não alimente incessantemente o meu desespero. Nestes últimos tempos via-te sempre com um sentimento de medo e de mal-estar. Sei muito bem que é o amor que cria as tuas inquietações a meu respeito, mas é a tua alma, doente e anormal como a minha, que exaspera essas inquietações e te arruína o sangue. Não quero mais viver a teu lado no temor.

Além disso, necessito de uma mulher que seja unicamente minha e que eu possa encontrar em casa a qualquer hora. Estou desesperado de solidão. Não posso regressar à noite, a um quarto, sozinho, e sem nenhuma das facilidades da vida ao meu alcance. Necessito de um lugar, e necessito urgentemente, e de uma mulher que se ocupe constantemente de mim, que não sou capaz de me ocupar de nada, que se ocupe de mim até para as mais pequenas coisas. Uma artista como tu tem a sua vida e não pode dedicar-se a isso. Tudo o que te digo é de um egoísmo feroz, mas é mesmo assim. Nem sequer é necessário que essa mulher seja muito bonita, também não quero que ela seja de uma inteligência excessiva, nem sobretudo que reflicta em demasia. Basta que me esteja ligada.

Creio que saberás apreciar a grande franqueza com que te falo e me darás a seguinte prova de inteligência: compreender que tudo o que te digo não tem nada a ver com a intensa ternura, o inextirpável sentimento de amor que tenho e terei inalienavelmente por ti, mas esse sentimento, também ele, não tem nada a ver com a corrente

ordinária da vida. Há demasiadas coisas que me unem a ti para que te peça para romper, peço-te somente que mudemos a nossa relação, que façamos cada um uma vida diferente, mas que não nos desuna.



## TERCEIRA CARTA MATRIMONIAL

Há cinco dias que já não vivo, por tua casa, por causa das tuas cartas estúpidas, das tuas cartas de sexo e não de espírito, das tuas cartas cheias de reacções sexuais e não de raciocínios conscientes. Tenho os nervos destroçados, estou farto de razões; em lugar de cuidares de mim, oprimes-me, oprimes-me porque não possuis a verdade. Nunca possuiste a verdade, sempre me julgaste com a sensibilidade daquilo que há de mais baixo na mulher. Recusas aderir a qualquer das minhas razões. Mas eu já não tenho mais razões, mais desculpas a dar--te, mais nada que discutir contigo. Conheço a minha vida e isso me basta. E no momento em que começo a regressar à minha vida, cada vez mais me desagregas, provocas o meu desespero; e quanto mais te dou razões para esperar, para ter paciência, para me suportar, mais te obstinas em me arruinar, em me fazer perder o fruto das minhas conquistas, e menos indulgência tens para com os meus males. Não sabes nada sobre o espírito, não sabes nada sobre a doença. Julgas tudo com base nas aparências externas. Mas eu, eu conheço o meu interior; e quando te grito, não há nada em mim, nada do que constitui a minha pessoa, que não seja produto da existência de um mal anterior a mim próprio, anterior à minha vontade, nada em nenhuma das minhas horrorosas reacções que não provenha unicamente da doença, e não lhe seja imputável. Regressas aos teus miseráveis raciocínios, recomeças a debitar as tuas piores razões, que se prendem a detalhes ínfimos da minha pessoa, que me julgam pelo lado mais mesquinho. Mas o que quer que eu tenha feito da minha vida não me impediu de

regressar lentamente ao meu ser, e de me instalar nele um pouco mais, dia após dia. Nesse ser que a doença me tinha roubado e que os refluxos da vida me restituem pouco a pouco. Se não conhecesses aquilo a que me tinha entregue para reduzir ou suprimir as dores desta separação intolerável, suportarias o meu desiquilíbrio, os meus embates, a instabilidade dos meus humores, este afundamento da minha pessoa física, estas ausências, estes destroços. É porque imaginas que se devem ao emprego de uma substância cuja simples ideia te arrebata a razão, que me ameaças, que me enlouqueces, e destróis com as tuas mãos em cólera a matéria do meu cérebro. Sim, tu lanças-me contra mim próprio, cada uma das tuas cartas divide o meu espírito em dois, me lança em insensatos becos sem saída, me cobre de desespero, de furor.

Não posso mais, grito-te: basta! Deixa de pensar com o teu sexo, absorve enfim a vida, toda a vida, abre-te à vida, vê as coisas, vê-me a mim, abdica, e deixa que a vida me abandone um pouco, se desdobre em mim, diante de mim. Não me angusties mais. Basta.



A Grelha é um momento terrível para a sensibilidade, a matéria.

# FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DO INFERNO

*Para André Gaillard.*

Nem o meu grito nem a minha febre me pertencem. Esta desintegração das minhas forças segundas, dos elementos dissimulados do pensamento e da alma, deles só concebem a constância.

Esse pequeno nada que está a meio caminho entre a cor da minha atmosfera típica e o extremo da minha realidade.

Mais do que de alimento, necessito de uma espécie de consciência elementar.
Esse nó da vida a que se liga a emissão do pensamento.
Um nó de asfixia central.

Assentar apenas numa verdade clara, isto é, uma verdade de um só gume.

O problema da emancipação do meu eu já não se apresenta sob um ângulo exclusivamente doloroso. Sinto

que novos factores intervêm na desnaturalização da minha vida e que tenho como que uma consciência nova da minha íntima debilidade.

Vejo no acto de lançar os dados e de me lançar na afirmação de uma verdade pressentida, por mais aleatória que seja, toda a razão da minha vida.

Permaneço durante horas com a impressão de uma ideia, de um som. A minha emoção não se desenvolve no tempo, não se sucede no tempo. Os refluxos da minha alma estão em perfeito acordo com a idealidade absoluta do espírito.

Enfrentar a metafísica que eu mesmo me construí em função desse nada que em mim transporto.

Esta dor cravada em mim como uma marca, no centro da minha realidade mais pura, no lugar da sensibilidade onde os dois mundos do corpo e do espírito se reúnem, acostumei-me a alhear-me dela pelo efeito de uma falsa sugestão.

No espaço do instante que dura a iluminação de uma mentira, fabrico-me um pensamento de evasão, lanço-me sobre uma pista falsa indicada pelo meu sangue. Fecho os olhos da minha inteligência, e deixando falar em mim o informulado, dou-me a ilusão de um sistema cujos termos me escapassem. Mas desse instante de erro fica-me o sentimento de ter arrebatado ao desconhecido qualquer coisa de real. Creio em conjurações expontâneas. Nas estradas para que o meu sangue me arrasta, algum dia terei de descobrir uma verdade.

A paralisia apodera-se de mim e impede-me cada vez mais de regressar a mim mesmo. Já não tenho nenhum ponto de apoio, nenhuma base... procuro-me não sei



onde. O meu pensamento já não pode chegar onde a minha emoção e as imagens que em mim se elevam o impelem. Sinto-me castrado até aos meus menores impulsos. Acabo por ver o dia através de mim próprio, à força de renúncias em todos os sentidos da minha inteligência e da minha sensibilidade. É preciso que se compreenda que é o homem vivo que em mim está afectado e que esta paralisia que me sufoca está no centro da minha personalidade habitual e não dos meus sentidos de homem predestinado. Estou definitivamente ao lado da vida. O meu suplício é tão subtil, tão refinado, quanto amargo. Fazem-me falta esforços de imaginação insensatos, decuplicados pela opressão dessa asfixia sufocante, para conseguir pensar o meu mal. E se assim me obstino nesta procura, nesta necessidade de fixar de uma vez por todas o estado do meu aniquilamento...

Não deverias ter aludido a esta paralisia que me ameaça. Ela ameaça-me de facto e cresce dia após dia. Existe já como uma realidade horrível. É certo que faço ainda (mas por quanto tempo?) o que quero dos meus membros, mas já há muito que não controlo o meu espírito, e que o meu inconsciente inteiro me governa com impulsos que surgem do fundo das minhas raivas nervosas e do turbilhão do meu sangue. Imagens atormentadas e rápidas, que ao meu espírito não pronunciam senão palavras de cólera e de ódio cego, mas que passam como machadadas ou relâmpagos num céu cerrado.

Estou marcado pelo estigma de uma morte insistente, pelo que a verdadeira morte não me aterroriza.

Essas formas terríveis que avançam, sinto que o desespero que trazem está vivo. Introduz-se nesse nó da

vida depois do qual se abrem os caminhos da eternidade. É a autêntica separação para sempre. Elas introduzem o seu machado até ao centro onde me sinto homem, cortam os laços vitais que me ligam ao sonho da minha lúcida realidade.

Formas de um desespero capital (verdadeiramente vital),
encruzilhada de separações,
encruzilhada da sensação da minha carne,
abandonado pelo meu corpo,
abandonado por todo o sentimento possível no homem.

Não posso compará-lo senão a esse estado de pleno delírio febril, durante uma profunda doença.

É esta antinomia entre a minha facilidade profunda e a minha dificuldade exterior que cria o tormento que me mata.

Pode o tempo passar e as convulsões sociais do mundo arrasarem as ideias dos homens, que eu estou excluído de todo o pensamento que mergulhe nos fenómenos. Que me deixem às minhas nuvens extintas, à minha impotência imortal, às minhas esperanças insensatas. Mas que saibam também que eu não abdico de nenhum dos meus erros. Se julguei mal, foi por culpa da minha carne. Porém, essas luzes que o meu espírito deixa filtrar de hora a hora, são a minha carne cujo sangue se enche de relâmpagos.

Ele fala-me de Narcisismo, respondo-lhe que se trata da minha vida. Tenho o culto não do eu mas da carne, no sentido sensível da palavra carne. As coisas só me



afectam na medida em que afectam a minha carne, que coincidem com ela, até esse ponto em que a fazem vibrar, e não além dele. Nada me afecta, nada me importa, a não ser o que se dirige *directamente* à minha carne. E fala-me então de Si mesmo. Respondo-lhe que o Eu e o Si mesmo são dois termos distintos que não devem ser confundidos, e são exactamente os dois termos que produzem o perfeito equilíbrio da carne.

Sinto sob o meu pensamento o solo que se esboroa, e vejo-me obrigado a enfrentar os termos que emprego sem o apoio do seu sentido íntimo, do seu substrato pessoal. E mais que isso, o ponto por onde esse substrato parece ligar-se à minha vida, torna-se para mim de súbito estranhamente sensível, e virtual. Tenho a ideia de um espaço imprevisto e fixo, onde em tempo normal tudo é movimento, comunicação, interferências, trajecto.

Mas esse esboroar que atinge o meu pensamento nas suas bases, nas suas comunicações mais urgentes com a inteligência e com o que há de instintivo no espírito, não se passa no domínio de um abstracto insensível onde somente participe a parte nobre da inteligência. Mais que o espírito que permanece intacto, eriçado de pontas, é o trajecto nervoso do pensamento que é atingido e desviado. É nos membros e no sangue que esta ausência e esta paralisia se fazem sentir particularmente.

Um frio intenso,
uma abstinência atroz,
os limbos de um pesadelo de ossos e músculos, com a sensação das funções estomacais que abanam como uma bandeira nas fosforescências da tempestade.

Imagens larvares que se empurram como com o dedo e não têm relação com nenhuma matéria.

Sou homem pelas mãos e pelos pés, pelo ventre, pelo meu coração de carne, pelo estômago cujos nós me aproximam da putrefacção da vida.

Falam-me de palavras, mas não se trata de palavras, trata-se da duração do espírito.

Essa crosta de palavras que cai, não se imagine que a alma não esteja nela implicada. Ao lado do espírito há a vida, há o ser humano em cujo círculo esse espírito volteia, a ele ligado por uma imensidão de fios...

Não, todas as violentações corporais, todas as diminuições da actividade física e esse mal-estar que se sente com a dependência do seu corpo, e esse mesmo corpo carregado de mármore e deitado sobre fraca madeira, não igualam a pena de estar privado da ciência física e do sentido do seu equilíbrio interior. Que a língua esteja privada da alma, ou o espírito da língua, e que esta ruptura trace nas planícies dos sentidos um vasto sulco de desespero e de sangue, eis a grande miséria que mina, não a superfície ou a estrutura, mas o TECIDO dos corpos. Há que abandonar esse lampejo errante que se sente SER um abismo que atinge toda a extensão do mundo possível, e o sentimento de uma inutilidade tão grande que é como o nó da morte. Inutilidade que é como a cor moral desse abismo e dessa intensa estupefacção, cuja cor física é o gosto de um sangue a jorrar em golfadas através das fendas do cérebro.

É escusado dizerem-me que essa armadilha reside em mim, eu participo na vida, represento a fatalidade que me elege, e não é possível que toda a vida do mundo me tome, num momento dado, com ela, já que, pela sua própria natureza, ela ameaça o princípio da vida.



Há qualquer coisa que está acima de toda a actividade humana: é o exemplo dessa monótona crucificação, essa crucificação em que a alma jamais acaba de se perder.

A corda que deixo irromper da inteligência que me preenche e do inconsciente que me alimenta, revela fios cada vez mais subtis no seio do seu tecido arborescente. E é uma vida nova que renasce, cada vez mais profunda, eloquente, enraizada.

Nenhuma precisão poderá ser dada por esta alma que se afoga, porque o tormento que a mata, a descarna fibra a fibra, passa-se abaixo do pensamento, abaixo donde a língua alcança, porque é a própria ligação daquilo que a faz e a mantém espiritualmente aglomerada, que se rompe à medida que a vida a chama à constância da claridade. Nunca haverá claridade sobre essa paixão, sobre essa espécie de martírio cíclico e fundamental. E contudo ela vive, mas com uma duração de eclipse, em que o fugidio se mistura perpetuamente com o imóvel, e o confuso com essa língua penetrante de uma claridade sem duração. Esta maldição é de um alto ensinamento para as profundidades que ela ocupa, mas o mundo não compreenderá a lição.

A emoção causada pela eclosão de uma forma, a adaptação dos meus humores à virtualidade de um discurso sem duração, é para mim muito mais preciosa que o estado de saciedade da minha actividade.

É a pedra de toque de certas mentiras espirituais.

Essa espécie de passo atrás feito pelo espírito, aquém da consciência que o fixa, para ir buscar a emoção da

vida. Essa emoção situada fora do ponto particular onde o espírito a busca, e que emerge, num fresco jorro, com a sua densidade rica de formas, essa emoção que devolve ao espírito a sonoridade perturbante da matéria, toda a alma nela penetra e passa pelo seu fogo ardente. Mas, mais que o fogo, o que arrebata a alma é a limpidez, a facilidade, o natural e a glacial candura dessa matéria demasiado fresca que respira o calor e o frio.

Esse sabe o que a aparição de tal matéria significa e de que subterrâneo massacre a sua eclosão é o preço. Esta matéria é a bitola de um nada que se ignora.

Quando eu me penso, o meu pensamento busca-se no éter de um novo espaço. Estou na lua como outros estão à sua varanda. Participo da gravitação planetária nas fissuras do meu espírito.

A vida vai fazer-se, os acontecimentos desenrolar-se, os conflitos espirituais resolver-se, e eu não participarei nisso. Nada tenho a esperar, nem do lado físico nem do moral. Para mim, é a dor perpétua e a sombra, a noite da alma, e não tenho uma voz para gritar.

Delapidai as vossas riquezas longe deste corpo insensível, ao qual nenhum ensejo espiritual ou sensual pode afectar.

Escolhi o domínio da dor e da sombra como outros o do esplendor e da multiplicação da matéria.

Não trabalho na extensão de um qualquer domínio.

Trabalho na duração única.



# *CRONOLOGIA*

1896 — *A 4 de Setembro, nasce em Marselha Antonin Marie Joseph Artaud, filho de Antonin Roi Artaud e de Euphrasie Marie Louise Nalpas. Primogénito de uma família de comerciantes.*

1901 — *Antonin Artaud sofre de uma grave meningite. Salva-se, conservando para sempre distúrbios nervosos.*

1905 — *Morre a sua irmã mais nova Germaine, Antonin é muito afectado por este facto.*

1906 — *Numa das suas habituais férias em Esmirna com os parentes gregos da sua mãe, Antonin quase se afoga.*

1910 — *Funda com os companheiros da escola uma revista poética onde publica os seus primeiros versos sob o pseudónimo de Louis des Attides.*

1913-1915 — *Redacção dos primeiros poemas que guardou.*

1915 — *Terminados os estudos, primeiro internamento numa clínica psiquiátrica em la Rouguière, perto de Marselha.*

1916 — *Ingresso no exército francês. Nove meses depois é dispensado por razões de saúde.*

1917 — Internamentos sucessivos em clínicas. Na de Divonne conhece a jovem pintora Yvonne Gilles, com quem se corresponderá durante vários anos.

1920 — Os pais decidem enviá-lo ao doutor Toulouse, em Paris, que afirmará: «Ao vê-lo compreendi que se tratava de um ser absolutamente excepcional, da raça de um Baudelaire, de um Nerval ou de um Nietzsche». Conhece Max Jacob, Elie Lascaux e Miró. Primeiras publicações.

1921 — Novas publicações. Estreia-se como actor. Viagem a Marselha e, com a sua família, a Evian. Primeiras actividades cinematográficas. Encontro com Génica Athanasiou. O seu tio é então um produtor famoso. Participação em «L'Atelier».

1922 — Génica Athanasiou (Eugénie Tanase) é o seu primeiro grande amor. Será a única mulher da sua vida com quem terá uma relação quase conjugal. Actividade teatral. Escreve poemas, algumas publicações. Adoece por falta de ópio.

1923 — Conhece Cocteau, Radiguet, Breton, Gide, «le tout Paris». Prepara a redacção da revista «Bilboquet», de que é o único redactor. Encontro com Tzara. Ganha grande reputação como actor. Publica Tric Trac du Ciel, a sua primeira colecção de poemas (112 exemplares). Frequenta o pintor André Masson. Encontro com Jacques Rivière, director da «Nouvelle Revue Française». Começa a famosa corespondência Artaud--Rivière.

1924 — A «Nouvelle Revue Française», no seu número 132, publica as cartas de Artaud a Rivière.

Continua em Paris. Dependente do ópio. No verão, sai com uma equipa do seu tio para rodar uma produção espectacular. Período feliz. Em 7 de Setembro, morre-lhe o pai. No final desse ano adere ao surrealismo.



1925 — Em Janeiro aparece «La Revolution Surrealiste» (n.º 2) com textos de Artaud. É nomeado director da «Oficina de Investigações» da Central Surrealista. É-lhe confiada a direcção do n.º 3 de «La Revolution Surrealiste». Publica O umbigo dos Limbos. Primeiras polémicas com Breton pela sua posição política. Filma na Itália.

1926 — Afastamento de Antonin Artaud do movimento surrealista. Expulsão de Artaud e Soupault por incompatibilidade com a adesão do surrealismo ao programa comunista. Filmagens de Napoleón de Abel Gance, onde Artaud desempenha o papel de Marat. Publica Fragmentos de um Diário do Inferno.

1927 — Actividade no Teatro-Jarry. Reedição de O Pesa--nervos. Curas de desintoxicação. Estreia, com êxito, de Napoleón. A partir daí, e até 1935, obterá muitos contratos. Temporadas em casa de Jacques Maritain, o que é interpretado pelos surrealistas como conversão ao cristianismo. Interpreta La Passion de Jeanne d'Arc e Verdun.

1928 — Continuam os espectáculos Jarry. Reconciliação fugaz com os surrealistas depois de um escândalo provocado contra Claudel. Dá uma conferência na Sorbonne sobre «A Arte e a Morte». Dirige uma obra de Strindberg. Rompe com Génica Athanasiou.

1929 — Última etapa do Teatro-Jarry. Estreita-se a sua relação com o cinema. Redige guiões cinematográficos.

1930 — Viagem a Berlim contratado para trabalhos de dobragem. Voltará em várias ocasiões até 1935. É cada vez mais incompreendido.

1932 — Publicações esporádicas. Conferência na Sorbone sobre a sua ideia de teatro. Roda vários filmes. Começa o Teatro da Crueldade. A revista «Sur», de Buenos Aires,

*dirigida por Victoria Ocampo, publica no seu número 6 «Théatre alchimique».*

1933 — *A empresa «Teatro da Crueldade» não encontra capital suficiente. Artaud tem consciência do fracasso. Conhece Anaïs Nin, com quem tem certas afinidades. Instabilidade nervosa. Contactos com o grupo «Grand Jeu». Redige* Heliogábalo.

1934 — *Viagem à Argélia. Roda vários filmes. Começa a reescrever a sua obra sobre Francesco Cenci.*

1935 — *Estreia* Os Cenci, *em Paris. A crítica é feroz. Fracasso moral e financeiro. Jean-Louis Barrault propõe-lhe colaborar com ele. Artaud recusa.*

1936 — *Viagem ao México. Antes de sair de Paris, Jaime Torres Bodet, secretário da Missão Diplomática do México, dispensa-o da fiança obrigatória e compromete-se a conseguir--lhe colaboração na imprensa mexicana. Escala em Havana, Veracruz, México. É acolhido com simpatia pelos escritores do país. Publica na imprensa mexicana, faz conferências. Viagem ao território índio dos tarahumara, na Sierra Madre. Participa nas cerimónias dos índios, após muitos obstáculos. No fim do ano regressa a França.*

1937 — *Viagem a Bruxelas. Rompe o noivado com Cécile Scharme. Viagem à Irlanda. Reconcilia-se com Breton. Estadia trágica em Dublin, é detido por uma semana. Ao regressar a França em estado de grande exaltação é internado num manicómio.*

1938 — *Publica-se* O Teatro e o seu Duplo. *Artaud é transferido para uma clínica psiquiátrica, a de Sainte-Anne, de Paris. Recebe visitas.*

1939 — *Em 27 de Fevereiro é considerado doente incurável e internado no manicómio de Ville-Evrad. Escreve e recebe visitas de amigos.*



1940 — *Volta a coresponder-se com Génica. Sofre com a falta de heroína. Má alimentação; estado crítico.*

1942 — *Por intervenção de Robert Desnos e Paul Eluard, passa a ocupar-se de Artaud o doutor Ferdière.*

1943 — *É transferido para Rodez num estado lamentável. O doutor Ferdière promete-lhe a liberdade. As suas condições de vida melhoram bastante. É submetido a electrochoques. Escreve os textos que formaram o livro* Viagem ao País dos Tarahumara.

1944 — *Traduz e adapta Robert Southwell, Poe e Lewis Carroll. É autorizado a sair de Rodez e a dar passeios.*

1945 — *Publica-se* A Viagem... *Correspondência com Henri Parisot, publicada mais tarde com* Lettres de Rodez.

1946 — *Adamov tenta conseguir a sua liberdade. O doutor Ferdière propõe que se lhe assegure a existência material e uma clínica privada que cuide dele. Em 26 de Maio, Artaud chega a Paris. Instala-se em Ivry, na mesma clínica onde viveu Nerval. Pintores e escritores criam um fundo de ajuda a Artaud. O Teatro Sarah Bernhart dedica-lhe uma entusiástica sessão de homenagem. Lança-se a ideia de editar as suas «Obras Completas».*

1947 — *Escreve copiosamente.* Van Gogh, o suicidado da sociedade, Artaud Le Momo e La culture indienne. *Expõe retratos e desenhos. Faz leituras dos seus últimos poemas. Escreve um programa radiofónico:* Pour en finir avec le jugement de Dieu. *Durante o mês de Setembro repousa no sul.*

1948 — *A suspensão da emissão radiofónica produz um grande escândalo. Dá uma conferência onde denuncia as forças do mal, os psiquiatras e os electrochoques. Em Fevereiro diagnosticam-lhe um cancro incurável. Na manhã de 14 de Março é encontrado morto pelo jardineiro da clínica de Ivry.*

## Colecção memória do abismo

1 — ÂNGELO DE LIMA
*Poemas in ORPHEU 2 e outros escritos*

2 — JEAN GENET
*O funâmbulo*

3 — GEORGES BATAILLE
*O ânus solar*

4 — LUÍS CERNUDA
*Os prazeres proibidos*

5 — ANTONIN ARTAUD
*A arte e a morte*

6 — CHARLES BUKOWSKI
*Dá-me o teu amor*

7 — F. SCOTT FITZGERALD
*A fenda aberta*

8 — LOUIS-FERDINAND CÉLINE
*Vão navios cheios de fantasmas*

9 — FERNANDO PESSOA
*Aviso por causa da moral*

10 — YUKIO MISHIMA
*Genet*
JEAN GENET
*O condenado à morte*

11 — ALDOUS HUXLEY
*O céu e o inferno*

12 — GEORGE MOORE
*O outro sexo de Albert Nobbs*

13 — ANTONIN ARTAUD
*Van Gogh, o suicidado da sociedade*

14 — CAMILO CASTELO BRANCO
*Maria! Não me mates que sou tua mãe!*

15 — JOYCE MANSOUR
*História nociva*

16 — WALTER BENJAMIN
*Kafka*

17 — D. H. LAWRENCE
*O oficial prussiano*

18 — HEINRICH VON KLEIST
*As marionetas*

19 — JEAN GENET
*A criança criminosa*

20 — GEORGES BATAILLE
*História de ratos (Diário de Dianus)*

21 — ANTONIN ARTAUD
*Eu, Antonin Artaud*

22 — EZRA POUND
*Patria Mia*

23 — MARCEL PROUST
*A raça maldita*

24 — RAUL LEAL
*Sodoma divinizada*

25 — JEAN GENET
*Infernos*

26 — FRIEDRICH NIETZSCHE
*A minha irmã e eu*

27 — FEDERICO GARCÍA LORCA
*Nova Iorque num poeta*

28 — MALCOLM LOWRY
*Por cima do vulcão*

29 — PIERRE JEAN JOUVE
*Loucura e Génio*

30 — ANTONIN ARTAUD
*O 'Pesa-Nervos*

Execução gráfica
da
**Tipografia Lousanense, Lda.**
para
**HIENA EDITORA**
em Setembro de 1991

Depósito legal n.º 43444/91

*colecção memória do abismo 30*